



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9607 - Resumo Expandido - Pôster - 40ª Reunião Nacional da ANPED (2021)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

LITERATURA DE AUTORAS NEGRAS E CURRÍCULO: É POSSÍVEL DIZER TUDO?

João Paulo Lopes dos Santos - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Luciane dos Santos Silva - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

LITERATURA DE AUTORAS NEGRAS E CURRÍCULO: É POSSÍVEL DIZER TUDO?

Resumo: Este trabalho tem como objetivo destacar a relação da literatura de autoras negras e sua relevância para a produção curricular. Ao longo do século XIX, a literatura escreveu nações, fixando sentidos. Perfazendo certa univocidade, perfilando um cânone literário e instituindo currículos, excluindo e estereotipando sujeitos. Assim, indagamos: como a literatura de autoras negras pode subverter o currículo? Argumentamos que a literatura de escritoras negras é diferença e pode produzir um currículo instituinte, operando no “dizer tudo”. Portanto, apesar das pretensões de currículos normatizadores, a análise demonstra que as diferenças escapam ao controle, narrativas de escritoras negras esboçam com fluidez tais tensionamentos. Pois a partir de temporalidades disjuntivas, autoras negras constroem seus discursos operando nos interditos.

Palavras-chave: Currículo. Literatura. Autoras Negras. Diferença.

Introdução

Nosso foco neste texto é apresentar a importância da literatura de autoria feminina negra, na produção curricular. A historiografia literária brasileira construiu um cânone literário uníssono e excludente. Sendo este formador de currículos normativos, questionamos: como a literatura de autoras negras pode subverter esses currículos? Argumentamos que tais textualidades são diferença e podem produzir um currículo instituinte, desapartado da ideia de fixações absolutas, operando no “dizer tudo”.

Diante dessa possibilidade, a partir de pressupostos pós-coloniais, abordamos a diferença à moda de Derrida, no sentido de diferir, de produzir-se em singularidade (DERRIDA, 2004, p. 34). Abrindo-se a processos enunciativos, cujas temporalidades “como a medida da liminaridade da modernidade cultural” (BHABHA, 2014, p.229), faculta um movimento que engendra certa duplicidade de escrita.

Escrevendo a nação

O século XIX vê emergir uma relação íntima entre o Romance e sua capacidade de representação social. Na literatura brasileira, observa-se certa univocidade, na qual tendenciou a uma única perspectiva: a configuração de um cânone literário. Excluindo, silenciando e estereotipando – negros, mulheres, - entre outros. Fechando-se em homens, brancos, heteronormativos e católicos. De acordo com Felisberto:

Mulheres negras e espaço literário, o que emergia eram puros objetos de análise, presentes nos romances nacionais, tais como Esméria e Lucinda (Vítimas-algozes), Bertoleza e Rita Baiana (O Cortiço) Tia Anastácia nas obras de Monteiro Lobato, as várias mulheres de Jorge Amado, entre outras. Os corpos destas mulheres não eram seus, serviram aos outros, todas tratadas como objetos, nenhum sujeito, nenhum afeto (FELISBERTO, 2017, p. 67).

É essa literatura racista e patriarcalista que produziu durante um longo tempo nas historiografias literárias brasileiras currículos. Nesse sentido, a narrativa de escritoras negras é diferença e pode produzir um currículo instituinte desapartado da ideia de fixações absolutas e conhecimentos pré-dados.

Currículo como enunciação

A obrigatoriedade do ensino da História da África e da cultura afro-brasileira se consolida em um momento no qual, toma corpo na arena política brasileira o debate institucionalizado sobre diversidade cultural e políticas de identidade. Estas denunciam a monoculturalidade dos currículos baseados numa cultura geral e oferecem alternativas baseadas no pertencimento dos sujeitos a um determinado grupo cultural.

De acordo com os estudos de Lopes e Macedo (2011), um currículo mais plural não significa que a diferença esteja presente, o diverso é, na verdade, outra manifestação do mesmo. O que faz emergir propostas curriculares que contemplem as culturas concebidas como repertórios partilhados de significados.

Assim, a pesquisadora Macedo (2006) em diálogo com Bhabha (2014) defende um projeto de educação a partir de uma temporalidade pedagógica; uma cultura selecionada que é função do currículo transmitir. Uma temporalidade performática como projeto de sentidos, criando uma zona de ambivalência que possibilita que o currículo se estabeleça como lugar de enunciação, “onde a diferença cultural se constitui” (MACEDO, 2006, p. 349).

Literatura de autoras negras

Dessa forma, a literatura brasileira em seu propósito de inviabilizar e estereotipar o negro, não é absoluta, em diálogo com perspectivas pós-coloniais especificamente com Bhabha, há um segundo movimento nas relações entre colono e colonizador. A impossibilidade de controle total, que não se apresenta como resistência ao poder, mas como ambivalência que está inscrita no poder. Assim, a diferença ou o que chamamos de resistência não ocorre apesar dos globalismos, mas é parte deles.

A literatura pode operar em diversas interfaces, se dispor a vários tipos de discursos que podem se apropriar do literário, institucionalizando. Mas também pode operar como sugere Derrida:

O espaço da literatura não é somente o de uma ficção instituída, mas também o de uma instituição fictícia, a qual, em princípio, permite dizer tudo. Dizer tudo é, sem dúvida, reunir, por meio da tradução, todas as figuras umas nas outras, totalizar formalizando; mas dizer tudo é também transpor [franchir] os interditos. É uma instituição que tende a extrapolar [déborder] a instituição (DERRIDA, 2006, p. 22).

Dessa perspectiva, o literário opera sendo uma “instituição sem instituição” coloca em suspensão o seu próprio conceito, à medida que está circunscrito a esse conceito o não “poder dizer” livremente. Assim, a literatura aponta a origem delimitadora e reguladora do próprio valor institucional. Pois “dizer tudo” é desestabilizar ideologias que envolvem noções rígidas de nação, literário, currículo e mulher, por exemplo.

Narrativas de escritoras negras operam no “dizer tudo”, a escritora Maria Firmina^[1]

dos Reis é produtora de uma narrativa que extrapola a instituição literatura, dizendo “o que não podia ser dito”. Aborda claramente a estrutura da escravidão de forma bem crítica, contextualizando a dinâmica das relações entre senhor e escravo, deixa bem nítida a forma de operar do patriarcalismo que se escamoteia por trás da ideia de fragilidade do feminino.

Carolina Maria de Jesus[2] irrompe na cena literária, operando na descosadura de uma história de nação, em que as mulheres negras e pobres estavam destinadas a uma posição na qual ser escritora seria completamente improvável. “Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler” (JESUS, 1993, p.23).

A escritora Conceição Evaristo[3]desafia a autoridade colonial num jogo entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” que culmina com a palavra “escrevivência”. Segundo a escritora: “ele é muito fundamentado nessa autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, das africanas que tinham de contar a história para ninar os da casa-grande”.

Dessa forma, fica evidente a importância das narrativas de escritoras negras, a literatura pode trazer perspectivas de mundo diferentes, questionar narrativas que se pretendem hegemônicas de si e do outro, apontar e ressaltar diferenças. Esboçando outras ideias de nação, fomentando discussões acerca de gênero, racismo, desestabilizando o cânone literário brasileiro e currículos prescritivos.

Na impossibilidade de concluir...

Esta produção buscou evidenciar a potência da literatura de autoras negras, subvertendo noções de nação, cânone e de currículo como estabilidade e construindo essas categorias no seu presente enunciativo. Dessa liminaridade, tais narrativas constituem-se diferença ao demonstrar que mulheres negras não são somente corpos, são mentes produtoras de saberes. Rompem com o binarismo negro = corpo, instinto/branco = mente, razão.

Assim, a literatura de autoras negras, a despeito de um cânone literário estabilizado por muito tempo na historiografia da literatura brasileira como construção hegemônica, é criação de novos sentidos no ambiente regulado pelos sistemas discursivos, “o que denominamos culturas marginais ou literatura periférica, subalterna não estão na margem, mas no centro desses discursos como a perturbação necessária que os estabiliza e desestabiliza ao mesmo tempo” (LOPES; MACEDO, 2011, p.214), operando no “dizer tudo”.

Referências

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DERRIDA, Jaques. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Essa Estranha Instituição Chamada Literatura**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

FELISBERTO, Fernanda. **Selfie**: Eu mulher negra escritora. Literafro, o portal da literatura brasileira. Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

JESUS, Carolina Maria de. **Meu estranho diário**. São Paulo: Xamã, 1993.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de Currículo**. Rio de Janeiro: Cortez, 2011.

MACEDO, Elizabeth. Por uma Política de Diferença. **Cadernos de pesquisa**, v. 36, n. 128, p. 327-356, mai/ago. 2006.

[1] Maria Firmina dos Reis (1822-1917), nascida no Maranhão, primeira escritora romântica e abolicionista brasileira, musicista e criadora da primeira escola mista no Brasil.

[2] Carolina Maria de Jesus (1914-1977), nasceu em Sacramento, Minas Gerais. Uma das primeiras escritoras negras brasileiras, sua principal obra, Quarto de Despejo foi traduzida para 13 idiomas.

[3] Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. Trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. É Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense.